



## ENERGIA

# Preços dos 'pellets' e da lenha dispararam com crise do gás

Possibilidade de inverno sem gás natural russo disparou procura no centro e norte da Europa de um sector altamente exportador. Preço dos 'pellets' mais do que duplicou e lenha de azinho custa mais 40%.

JOÃO BARROS E ISABEL PATRÍCIO  
jbarros@medianove.com

A perspetiva de cortes no fornecimento de gás natural à Europa no inverno espoletou uma corrida a formas alternativas de aquecimento, incluindo a biomassa, que quase triplicou de preço no mercado nacional desde o início do ano, muito acima, por exemplo, da subida média de 20% registada na lenha. A associação do sector aponta para o aumento de custos nas matérias-primas e logística, bem como da procura externa, como principais motores do fenómeno, mas uma fonte ligada ao ramo classifica a situação como expectável, dada a resistência a subir preços em anos anteriores que ameaçava a sustentabilidade destas operações.

Portugal é um produtor de relevo de pellets no mercado internacional, exportando boa parte da produção deste bem para outras geografias com invernos mais rigorosos, como o Centro e Norte da Europa. Sendo um produto sazonal para os consumidores domésticos no nosso país, a sua adoção como fonte de aquecimento cresceu nos últimos anos, dado o baixo custo face a outras soluções de aquecimento alternativas, além de ser uma produção sustentável e mais limpa do que, por exemplo, a lenha.

Com a invasão russa da Ucrânia e a utilização pelo Kremlin do gás natural como forma de chantagem a Europa, vários países começaram a aumentar os 'stocks' de pellets para se precaverem antes do inverno, refere Vítor Poças, presidente da Associação das Indústrias de Madeira e Mobiliário de Portugal (AIMMP). Isto, claro, aumentou a pressão sobre a produção nacional, mas este efeito não explica, por si só, a subida de preço que levou um saco de 15kg a subir de cerca de cinco euros em loja no início deste ano para onze euros, em média, atualmente. A título de comparação, a tonelada de azinho estaria a vender a 250 euros em janeiro,

tendo passado entretanto para perto de 350, uma subida de 40%.

Com o aumento de custos despoletado pela crise energética iniciada ainda em 2021, várias unidades suspenderam temporariamente a produção de pellets, dado que esta pressão esmagara as suas margens. Ainda assim, esclarece Vítor Poças, a procura interna foi sempre sendo satisfeita, dado que "as empresas portuguesas não deixaram cair 'em saco roto' os seus grandes clientes habituais".

O aumento da procura nos mercados internacionais levou estas unidades a retomarem a produção, fazendo subir a quantidade disponível, sobretudo considerando que várias empresas "trabalhavam turnos de oito ou 12 horas e passaram a produzir 24 sobre 24 horas". Mas tal "ainda continua a ser uma quantidade insuficiente face aquilo que é a procura internacional", acrescenta.

## Stocks não estão em risco

Fonte do sector aponta, em declarações ao JE, responsabilidades à grande distribuição e retalhistas. Sob condição de anonimato, o especialista realça prejuízos nestas atividades que se vinham verificando há vários anos, falando numa pressão sobre os custos que não vinha sendo refletida no preço final ao consumidor e que, portanto, criava uma situação explosiva que mais cedo ou mais tarde resultaria numa subida considerável de preços.

Vítor Poças considera que "não podemos aceitar muito que de alguma maneira o distribuidor tivesse

um comportamento diferente daquilo que teve". Os custos de transporte e armazenamento deste bem tornam-no pouco apetecível para o retalho e, face a uma procura reduzida pelos consumidores finais domésticos durante os meses de menor frio, a grande distribuição do resto da Europa antecipou-se.

"Relativamente a outros países da Europa, pode estar a acontecer também algum açambarcamento na perspetiva de comprar mais barato para vender mais caro no dia do frio", explica, falando numa situação em que o retalhista "investe no risco, porque imaginando que a guerra na Ucrânia terminava num prazo de 15 dias, o preço caía por aí abaixo e quem comprou a cinco teria de vender a três euros por saco.

Ainda assim, e apesar de o país "viver um clima de rutura de stock permanente", reconhece Vítor Poças, que afirma já ter visto "camiões em fábricas com o pellet a sair da máquina para ser carregado" de imediato, a situação "não é para alarme". Quanto aos preços, Vítor Poças prevê que as pellets não corrijam o salto recente nos próximos meses, antecipando que os custos se mantenham elevados até "pelo menos fevereiro", ao passo que na lenha terá de haver aumentos, uma estratégia a que os empresários do sector têm resistido.

"A resistência a subir preços também é alguma. É, às vezes, [os empresários] acham que aumentar 20% é muito, mas isso é muito relativo: se subir preços em 20%, mas os custos aumentarem 30%, continuam a perder", detalha.

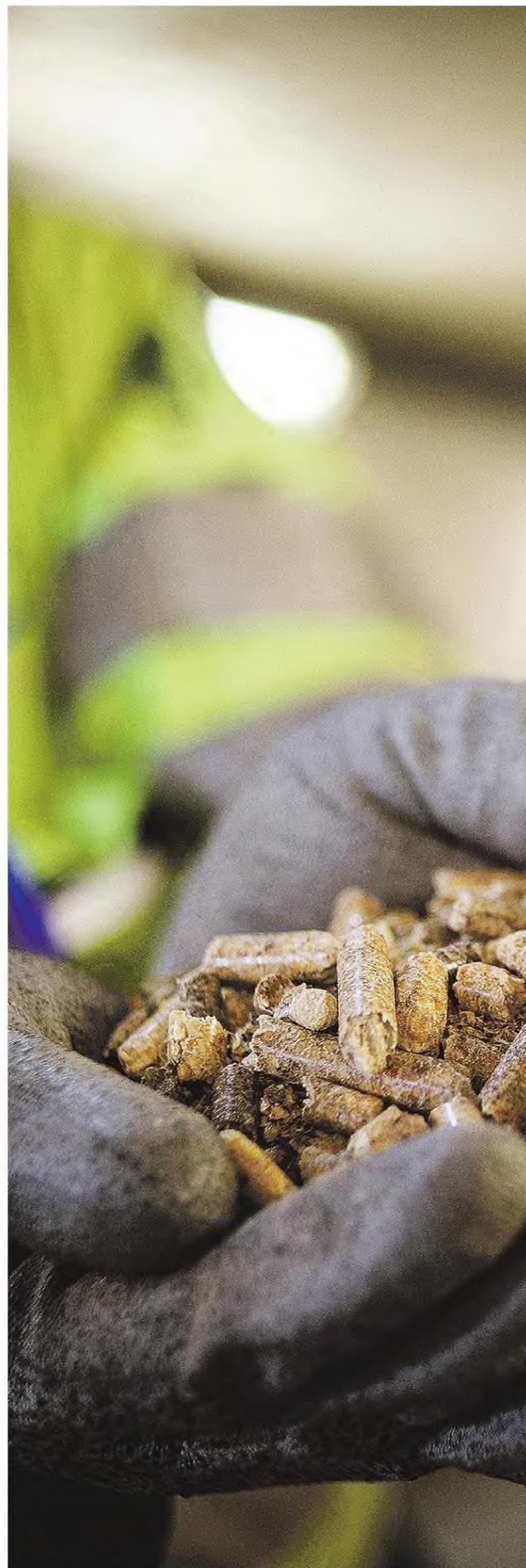
## Bem público deve levar a taxa reduzida no IVA

Os consumidores têm-se queixado da subida de preços, sobretudo os que mudaram recentemente para equipamentos alimentados a este combustível por razões económicas e, como tal, não usufruíram do ambiente de preços baixos durante muitos invernos.

Parante esta situação, a Deco Proteste tem recebido preocupações de



Vítor Poças  
Presidente da Associação das Indústrias de Madeira e Mobiliário de Portugal





Daniel Lewis / Reuters

# 11

euros/saco de 15kg

**Um saco de 15kg de pellets na grande distribuição custa agora 11 euros, muito acima dos 5 euros no início do ano**

# 350

euros/tonelada

**O azinho, a lenha mais usada para lareiras domésticas, subiu de 250 euros em loja, em média, no início de 2022 para 350 euros**

consumidores nacionais, muitos deles com a perceção de que produtos equivalentes ou iguais aos vendidos em Portugal estão disponíveis a preços mais baixos em Espanha. Um motivo sugerido pelos próprios consumidores prende-se com a diferença na taxa de IVA praticada em ambos os países, sendo que em Espanha foram ainda colocados limites à exportação.

Pedro Silva, especialista na área de energia da Deco Proteste, começa por referir a importância de aplicar a "taxa reduzida de IVA em todos os serviços públicos essenciais de energia doméstica", conceito em que este bem se enquadra.

"A definição de serviço público essencial é vital neste contexto, pela discriminação positiva e absoluta garantia de acessibilidade física, económica, garantia de qualidade de serviço que o conceito implica, entre outras questões fundamentais em termos de direitos dos consumidores", defende.

Esta é uma medida que deverá avançar no próximo Orçamento do Estado (OE) e que a AIMMP acolhe com satisfação, até pela diminuição de assimetrias no mercado global que prejudicam a produção nacional.

"A associação aplaude essa medida, visto que vem tributar o pellet à mesma taxa de IVA de outros bens e energias alternativas. Portanto, do meu ponto de vista, não fazia sentido tributar o pellet a uma taxa diferente de outras energias alternativas concorrentes – o Governo estava a distorcer a concorrência entre materiais da mesma tipologia através de uma diferença na taxa de IVA", argumenta o presidente da AIMMP.

Outro fator prende-se com a sustentabilidade do produto, um exemplo de economia circular ao aproveitar sobranes de serração. Este seria mais um motivo para aplicar a taxa reduzida de IVA, continua Vítor Poças, apesar das alegações recentes da ZERO. No seu relatório anual do sector de pellets, a associação ambientalista sugere que parte da produção esteja a resultar não de subprodutos de outras ativi-

dades, mas sim de uma exploração florestal pouco controlada, situação desmentida pelo representante da fileira da madeira.

"Acho que está a haver um aproveitamento circunstancial [...], porque chegamos no final do dia e não temos evidências de ninguém", realça, embora sem garantir que tal não ocorra em "casos muito pontuais". Ao invés, "há muitas fábricas de pellets em Portugal que trabalham exclusivamente dos seus sobranes", ao passo que outras empresas "só compram serrim às serrações".

Precisamente o baixo impacto ambiental deste bem é destacado pela Confederação Empresarial de Portugal - CIP, que lembra "o contributo importante e fiável para a produção de eletricidade, constituindo atualmente o único recurso renovável do qual resulta energia elétrica que não depende, nem do clima, nem do ciclo de estações do ano". É, portanto, natural que várias unidades de produção "já optaram ou se reconverteram para a queima de biomassa", dadas as vantagens económicas e ecológicas.

"Tal verifica-se, sobretudo, no sector da cerâmica, na indústria têxtil e, obviamente, no próprio sector da madeira", indica ao JE a instituição liderada por António Saraiva.

A ZERO acusa ainda o Estado de subsidiar uma indústria que alimenta o sector elétrico europeu, o que se traduz num impacto ambiental muito superior ao anunciado. Em resposta, Vítor Poças fala numa "certa confusão entre as fábricas de pellets e as fábricas de produção de energia a partir da biomassa", reconhecendo que nestas últimas pode haver algumas irregularidades, mas não na proporção tratada pela associação ambientalista.

"Essas centrais são muito, mas muito altamente ineficientes do ponto de vista técnico, porque consomem muita energia, a biomassa, produzem energia elétrica, mas a maior parte do calor ou da energia produzida é desperdiçada pelas suas chaminés, porque não fazem a chamada cogeração de energia. Parece que essas centrais foram tecnologicamente sobredimensionadas e têm alguma dificuldade em alimentar as suas caldeiras, portanto, pode surgir por aí alguma tentação de usarem a madeira que poderia ter uma utilização mais nova", detalha.

Sendo um sector de referência no contexto da economia circular, a fileira das pellets tem recebido bastantes apoios relacionados com a exportação do produto, com a ZERO a contabilizar mais de 100 milhões de euros em 2021, embora fontes do ramo tenham reticências quanto à pertinência das vendas ao exterior.

O presidente da AIMMP fala num "produto que viaja mal", usando a gíria do sector, dado que "os custos de transporte e de operação são muito elevados" num volume grande para um valor baixo. Por outro lado, fonte do sector consultada pelo JE lembrou que este produto é exportado ao mesmo tempo que são importadas outras fontes mais caras e poluidoras de energia, o que contraria o propósito de sustentabilidade das pellets. ■



# 10

Preços dos 'pellets' e da lenha disparam com crise do gás